

Carina Infante do Carmo

A literatura portuguesa e as cinzas da I Grande Guerra

Intitulei esta minha intervenção *A literatura portuguesa e as cinzas da I Grande Guerra* para falar sobre a literatura entre o final dos anos 1910 e a entrada da década de 1930 que, entre nós, tratou este momento verdadeiramente inaugural do século XX. Antes de mais, por ela ser emblema artístico da guerra total e sem sentido, despojada da aura de acto heróico. O que se segue são notas breves que sintetizam pistas de análise e reflexão, essenciais para compreendermos a literatura neste contexto histórico-cultural.

As feridas da que ficou conhecida como Grande Guerra, a começar pelo custo pesadíssimo que o Tratado de Versailles impôs aos alemães vencidos, entrelaçam-se no tempo com a crise dos regimes demoliberais europeus e a recomposição dos impérios no xadrez internacional da época. Os milhões de mortos e feridos, a devastação de uma guerra tecnológica, industrial e de escala planetária - em que Portugal se envolve primeiro, em Angola e Moçambique (1914) e, depois, na Flandres (1916) - fixam um cenário de cataclismo que Raul Brandão define lapidarmente, em *Húmus* (1917): "Na barafunda da Europa ardem aqui e ali cidades inteiras. Um brasido e gritos...". Um cataclismo que as três ondas de pandemia pneumónica, imediatamente subsequente, só irão agudizar.

Ao tratar a literatura que tomou como motivo a I Guerra Mundial, não esqueço, entretanto, que é a imagem (fotografia, cinema) o grande instrumento documental do tempo, exibindo, apesar das restrições impostas pela Censura, o obsceno da morte e da deformação humana.

Multiplicaram-se, naqueles quatro anos devastadores os criadores de imagem (fotógrafos oficiais, repórteres e militares ou civis amadores). A imprensa ilustrada é parte privilegiada do debate público e da propaganda, na medida em que intensifica o clima afectivo de inculcação de valores patrióticos para a mobilização bélica. Apenas com o antecedente histórico da Guerra Civil Americana (1861-65), a Grande Guerra tornou-se na primeira grande conflagração mediática, graças ao contributo do cinema, ainda nos seus alvares, e sobretudo ao relevo da fotografia e dos seus efeitos poderosos de enquadramento e montagem. No panorama nacional, são protagonistas Joshua Benoliel, o fotojornalista da *Ilustração Portuguesa* que fixou imagens inesquecíveis dos efeitos da guerra em território português, na partida dos soldados ou nas marcas do luto pelos mortos; e Arnaldo Garcez, encarregado pelo Exército da cobertura fotográfica dos exercícios de preparação dos soldados portugueses nos campos de treino, das trincheiras, abrigos e ruínas mas igualmente, na retaguarda, nos hospitais e nos momentos de confraternização com as restantes tropas aliadas e a população francesa e, por fim, na celebração do dia da vitória.

A entrada portuguesa na guerra teve como motivo nuclear a preservação das colónias em África e a afirmação internacional da jovem República. Ao serviço desse plano se empenharam vários

intelectuais: assim confirmam as revistas *Águia* (n.º 52-54, 2016)¹ e *Portugal na Guerra* (1917), periódico do Corpo Expedicionário Português, editado em Paris. Contudo, essa mobilização não foi tão generalizada quanto se possa pensar. Contou com o silêncio de personalidades de referência no campo republicano, como Basílio Teles ou Aquilino Ribeiro, além da combatividade antiguerrista do movimento operário e sindical e da reserva de certas camadas das forças armadas, cientes da impreparação para um conflito daquela escala tecnológica.

Antes de 1917, num tempo de massificação dos media e do mercado do espectáculo e do entretenimento, faz-se a promoção da guerra e da nossa entrada no conflito em periódicos de grande expansão. *A Ilustração Portuguesa* publica reportagens ilustradas mas também contos, crónicas e poesia que exaltam a guerra em versão heróica. Lembro, em contraste, a crónica de Mário de Sá-Carneiro (que depois este veio a renegar, pelas alterações que sofre o texto publicado "A batalha do Marne" (*Ilustração Portuguesa*, II série, n.º.513, 20.12.1915; aí evoca um campo de batalha em França, num tom melancólico que contrasta com a atitude provocatória de vários artistas da geração de *Orpheu*. A eclosão da Grande Guerra teve, aliás, implicações na vida de muitos deles, obrigados a abandonar Paris e a regressar a Portugal. A revista *Portugal Futurista* (1917 dá, aliás, sinal de tais repercussões da guerra: a colaboração de Apollinaire e Blaise Cendrars naquela revista de vanguarda é resultado da ligação ao casal Delaunay que, entre 1916-17, se refugiara no Norte de Portugal, interagindo e influenciando Eduardo Viana, Almada Negreiros, José Pacheco e Amadeo de Sousa-Cardoso, amigo dos tempos de Paris.

Desaparecidos muitos modernistas no final da década de 1910 (Sá-Carneiro, Amadeo, Santa-Rita Pintor, a aceitação e consagração do modernismo far-se-á lentamente, nas décadas seguintes, primeiro por via plástica e gráfica e, só depois, literária. Os anos da guerra levam o modernismo a dar formas artísticas ao abalo radical experienciado nas concepções do humano, nas representações fragmentárias de tempo e espaço. Aquele movimento incorpora as ideias de desumanização das massas, urbanas e consumistas, de teia burocrática, mecânica e autoritária da cidade e de aristocratização social da arte. O pensamento político e estético de Fernando Pessoa situa-se bem nessa linha conservadora e elitista.

Quando radicalizam o projecto modernista, em versão vanguardista, os modernistas assumem sem rodeios a alergia ao conformismo burguês e, em alguns casos, a adesão estetizada à brutalidade da guerra moderna. Dessa atitude se aproxima Almada Negreiros, sob a forma de manifestos e ultimatoss, como o que publica no *Portugal Futurista*. Ou, então, em *A Cena do dia*, que Almada dá à estampa, em 1923, na revista *Contemporânea*, mas com data original de 1915, num quadro que prepara a afirmação cesarista e totalitária do sidonismo: aqui é

1 - Na *Águia: Portugal e a Guerra* (n.º 52-54, Abril-Junho 1916) encontram-se artigos de Teixeira de Pascoaes, Teófilo Braga, Raul Proença, Leonardo Coimbra, Augusto de Castro, Aurélio da Costa Ferreira, entre outros.

amplificada a contestação ao guerrismo republicano e às bases de sustentação do novo regime, numa convergência fugaz com o integralismo e os monárquicos que se confirma em pleno na revista *A Ideia Nacional* (1915-6). O vigor e inventiva inter-artística da narrativa plástica de *A Engomadeira* (1917) e de "Saltimbancos" (*Portugal Futurista*, 1917) fazem de Almada o grande intérprete literário da Grande Guerra no quotidiano lisboeta, explorando a palavra em liberdade e a sugestão do pictórico que supera e subordina o enredo e os critérios de representação realista.

Quanto a Fernando Pessoa, pode assinalar-se o sentido de contradição, por vezes em diálogo com os seus heterónimos. Nos escritos (muitos deles deixados inéditos) de pensamento político, assumiu insensibilidade quanto aos horrores da guerra, defendeu o uso da força e invocou, não raro, argumentos em favor da Alemanha, sobretudo para se opor ao Partido Democrático que defendia a intervenção portuguesa e o lado francês. Já o poeta pessoano não esqueceu a dor humana, as mortes vãs da guerra e a desumanidade que esta sempre desperta nos homens. Basta referir, a este propósito, os poemas do ortónimo "O menino de sua mãe" (*Contemporânea*, série III, nº. 1, 1926) e "Tomámos a vila depois de um intenso bombardeamento", a afirmação pacifista de Alberto Caeiro, em "A guerra, que aflige com seus esquadrões o mundo...", ou a "Ode Marcial", de Álvaro de Campos².

É, entretanto, a escrita autobiográfica que mais intensamente figura a experiência trágica da guerra, protagonizada por militares que passaram pelos campos de batalha europeu e, mais escassamente, africano. A ética militar e o patriotismo redentor de tais testemunhos combinam-se, não raro, com uma marca anti-épica, de trauma e homenagem póstuma aos mortos e estropiados em combate; as capas de muitos desses livros re incidem em imagens de dor e desolação, cruzeiros, árvores despidas, ruínas ou caveiras. Destaco os seguintes títulos: André Brun, *A Malta das Trincheiras* (1918); Augusto Casimiro, *Nas Trincheiras das Flandres* (1918); Jaime Cortesão, *Memórias da Grande Guerra* (1919); Pina de Moraes, *Ao Parapeito* (1919) e *O Soldado-Saudade na Grande Guerra* (1921); Carlos Selvagem, *Tropa de África* (1919); Capitão Menezes Ferreira, *João Ninguém, Soldado da Grande Guerra: Impressões Humorísticas do C. E. P.* (1921). Quase todos são edições, publicadas entre 1916 e 1923, da Biblioteca da Renascença Portuguesa, associação cultural que quis aproveitar a vitória do regime republicano para renovar a sociedade portuguesa, com um escol activo e transformador de intelectuais.

A obra de Cortesão é emblemática da contradição entre a ideia da guerra como escola de valores - condizente com o seu apoio declarado à entrada portuguesa na frente europeia, enquanto autor da *Cartilha do Povo* (1916) - e o reconhecimento do choque e absurdo da beligerância nas trincheiras. Na mesma contradição se situa Carlos Selvagem, em *Tropa de*

2 - Com excepção de "O menino da sua mãe", todos os outros poemas referidos foram publicados postumamente, na maioria aquando da edição da obra pessoana nos anos 1940.

África, ao mesmo tempo que adota um olhar sobre a soldadesca no palco africano, segundo um óbvio preconceito social. Em contraste, André Brun escolhe o viés humorístico para dar a ver o sofrimento dos seus estimados lãzudos, os soldados na frente da Flandres, casando heroísmo e ridículo que não podiam escapar a este militar condecorado e, também, dramaturgo e cronista. Sobre este conjunto de obras, importa sublinhar dois aspectos essenciais. Enquanto obras autobiográficas, quase sempre da autoria de escritores estreados, os livros acima referidos são invariavelmente de oficiais e, como tal, implicam um viés de classe na óptica adoptada para relatar a experiência da guerra. Depois, todos eles, de modos diversos, confirmam traços estruturantes da vida contemporânea. É Paul Fussell que o diz em *The Great War and Modern Memory* (1981): de um lado, o choque entre os eventos da guerra e a linguagem publicamente usada para dizer e louvar a ideia do progresso, hegemónica no século XIX e XX; do outro, a falta de sentido da guerra e da existência humana por ela condenada e que, neste contexto, ganha emblema no trio associado à guerra de trincheiras: o parapeito, o arame farpado e a lama. Não por acaso, Walter Benjamin, em "O narrador" (1936), fala da mudez impotente dos soldados, em resultado do trauma provocado pela guerra devastadora e desestruturante nas trincheiras. Em *Soldado-Saudade na Guerra-Grande* (1921), Pina de Moraes não se fica pelo louvor da abnegação dos militares sacrificados na Flandres, pois denuncia a contradição de se construir um futuro com base na morte; nas suas palavras, "fazer da morte pedra angular de um monumento". Ressoa nesta citação o trauma que se projecta no culto dos mortos e, em particular, do Soldado Desconhecido que, a 9 de Abril 1921, passou a ter, no Mosteiro de Alcobaça, o seu túmulo de homenagem e de celebração pátria. Começa, então, a modelação da memória pública da guerra, prolongada ao longo daquela década com cerca de cem monumentos evocativos dos mortos na Grande Guerra. Tal iniciativa culminaria num programa um pouco mais consistente de evocação colectiva, durante a Ditadura Militar. Na vida real revela-se, em contrapartida, uma recepção muito precária aos militares desmobilizados, muitos deles deficientes, traumatizados, expostos ao desemprego e à desprotecção social, o que justifica a criação, em 1924, da Liga dos Combatentes.

Noutras literaturas ocidentais é a forma romanesca que deu expressão maior ao balanço do trauma da Grande Guerra, assumindo uma posição pacifista, o absurdo da guerra ou uma visão anti-heróica do sofrimento humano – lembremos, para este efeito, Jaroslav Hasek, *O Bom Soldado Švejk* (1923), Erich-Maria Remarque, *A Oeste Nada de Novo* (1929), Ernest Hemingway, *Adeus às Armas* (1929) ou Ferdinand Céline, *Viagem ao Fim da Noite* (1932). Já no contexto literário português, é, de novo, a escrita autobiográfica que cumpre esse papel: em concreto o III volume (póstumo) das *Memórias* de Raul Brandão, subtintulado *Vale de Josafat* (1933), e dois livros, ambos de 1934, de Aquilino Ribeiro: *É a Guerra* e *Alemanha Ensanguentada*. Raul Brandão evidencia a bestialidade, a devastação e a morte que a guerra acarretou. Com ele o conflito mundial abria caminho à subversão dos padrões de moralidade e a um tempo de

ganância e ostentação dos que se beneficiaram com a miséria da grande maioria. Publicados no mesmo ano, os dois títulos de Aquilino enfatizam uma posição antibelicista. O diário *a Guerra*, escrito vinte anos antes, revela-nos um estrangeiro numa Paris que mergulha gradualmente na escalada da I Guerra Mundial: a manipulação mediática, o inferno das trincheiras, pressentida da retaguarda, e as contradições dos guerristas portugueses, a começar pelo então ministro de Portugal em Paris, João Chagas. As acusações de germanofilia, imputadas a Aquilino, por causa de crónicas que publicara nas vésperas do deflagrar do conflito, vêm afinal da sua “imoderada franqueza” sobre o “nateiro de sangue” que o nacionalismo francês alimentou, ou sobre as feridas da derrota alemã, abertas pelo tratado de paz que os vencedores impuseram, e cujas consequências o autor testemunha no seu caderno de viajante *Alemanha Ensanguentada*. Por último, o prefácio de *a Guerra*, datado de 1934, acrescenta a lucidez de quem vê germinar, sobre os escombros da Grande Guerra, o ascenso de Hitler e do nazifascismo, na Alemanha, mas também a ditadura em Portugal, como corolário da política suicidária do regime republicano em prol da intervenção portuguesa.

Referências Bibliográficas

ARAJO, Francisco Miguel. 2014. *Reminiscências nacionais da Grande Guerra: as edições literárias da “Renasença Portuguesa” (1916-1924. Cadernos de Literatura Comparada*, n.º 31, Dezembro, 83-11. <ilc.cadernos.com/index.php/cadernos/article/download/273/253/>. Acesso em: 05.11.2018.

BARRETO, José. 2014. *Fernando Pessoa – germanófilo ou aliadófilo? Um debate com João de Barros que não veio a público*. Pessoa Plural, n.º. 6, Outono. <https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/Issue6/PDF/I6A08.pdf>. Acesso em: 05.11.2018.

BENJAMIN, Walter. 1992. O narrador. Reflexões sobre a obra de Nikolai Lesskov. In: *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Intr. T. W. Adorno. Lisboa: Relógio d'gua, 27-57.

CARMO, Carina Infante do. 2014. *Aquilino Ribeiro e o caderno de uma guerra mundial a nascer. Navegações. Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, v. 7, n. 1, 61-68. <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/issue/view/877>>. Acesso em: 05.11.2018.

CORREIA, Sílvia Adriana Barbosa. 2011. *Políticas da Memória da I Guerra Mundial em Portugal 1918-1933. Entre a Experiência e o Mito. Dissertação de Doutoramento em História*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. <<https://run.unl.pt/handle/1362/5811>>. Acesso em: 05.11.2018.

- DIAS, Eduardo Mayone. 1995. *Flandres e frica: a visão de uma guerra distante*. In João Camilo dos Santos & Frederik G. Williams. In Honor of Maria de Lourdes Belchior Pontes. Santa Barbara: Center for Portuguese Studies-University of California, 425-446.
- DIAS, Luís Augusto Costa. 2018. *Personagens inventadas: jornalismo e ficção na I Grande Guerra mediática* (1914-1918. *Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, nº. 6, Março, 41-59. <<http://impactum-journals.uc.pt/mediapolis/article/view/536>>. Acesso em: 05.11.2018.
- (orientação científica). 2016. *Intelectuais Portugueses e a Guerra 1914-1918* (e book). Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- DIX, Steffen (ed.. 2015. 1915 O Ano de Orpheu. Lisboa: Tinta da China.
- FUSSELL, Paul. 1981. *The Great War and Modern Memory*. London: Oxford University Press.
- KERN, Stephen. 1983 *The Culture of Time and Space* (1880-1918. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- LEAL, Ernesto Castro. 2000. *Narrativas e imaginários da 1ª Grande Guerra: "O Soldado - Saudade" português nos "nevoeiros de morte"*. *Revista de História das Ideias - "História e Literatura"*, vol. 21, 441-460.
- . 2010. *Memória, literatura e ideologia. Saudade, heroísmo e morte*. In AFONSO, Aniceto e GOMES, Carlos de Matos. Portugal e a Grande Guerra 1914-1918. Matosinhos: Quidnovi, 559-567.
- SAPEGA, Ellen W. 2017. *World War I and the Arts: The "Geração de Orpheu" and the Emergence of a Cosmopolitan Avant-Garde*. *E-Journal of Portuguese History*, vol. 15, n.º 1, June. <https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/html/issue29/html/v15n1a2.html>. Acesso em: 5.11.218.
- TRINDADE, Luís. 21. A vanguarda das letras. Público. 11.9. <<https://www.publico.pt/21/9/11/jornal/a-vanguarda-das-letras-19913789>>. Acesso em: 05.11.2018.
- VASCONCELOS, Ana, SILVEIRA, Carlos e OLIVEIRA, Pedro Aires (Comissários. 2017 *O Mundo Desarrumado Jornal da Exposição Tudo se Desmorona. Impactos Culturais da Grande Guerra em Portuga I*. Fundação Calouste Gulbenkian, 30.06 a 04.09.2017. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.